Maio de 68 sob a ótica do periódico francês Le Monde: a narrativa jornalística e a representação do real[*]

Christina Ferraz Musse

A França de 1968 e a Europa de 2005

Por que voltar os olhos para os episódios de Maio de 68 na França, passados mais de 40 anos das barricadas estudantis e da greve geral que abalou o país e que, de certa forma, numa era pré-global, encontraram eco pelo resto do mundo, onde a revolta contra a sociedade de consumo provocou reações em cadeia seja nas outras principais cidades européias, nas Universidades de Nova York e Berkeley, nos Estados Unidos, nos *campus* brasileiros e argentinos, e entre os estudantes de países africanos, da China e do Japão? Por mais que já se tenham escrito livros, realizado filmes, gravado depoimentos, essa grande revolução política, cultural e comportamental parece não deixar de nos seduzir, mesmo quando a superexposição de alguns aspectos, em detrimento de outros, tenha provocado, segundo certos autores, um esvaziamento do sentido desses movimentos. No caso da França, a pesquisadora americana Kristin Ross é partidária da idéia de que a excessiva literatura sobre o assunto provocou, paradoxalmente, seu esquecimento: "...la gestion de la mémoire de Mai 68 – ou autrement dit, la façon dont les commentaires et les interprétations ont fini par vider l'événement de ses dimensions politiques – est au centre même de sa perception historique"[1].

O esvaziamento dos múltiplos sentidos de Maio de 68 faz eco com todo um sentimento de despolitização da sociedade contemporânea, assaltada por um novo tipo de liberalismo, que prevê todo o poder ao mercado. O curioso é que em meio à homogeneização dos grandes oligopólios, surge o paradoxo do poder local, e novas formas de expressão política. A questão da identidade, numa época de tantas diásporas, nunca esteve tão em voga. Especialmente, na Europa. Foi esta a sensação que tive, assistindo pelos canais da TV francesa, aos debates sobre o referendo que acabaria dizendo "não" à aprovação do texto da Constituição Européia, naquele país. Pois bem, no vídeo, com os cabelos mais brancos, certamente menos ousado e menos idolatrado, lá estava a figura do líder estudantil Daniel Cohn-Bendit, que, para muitos, sobreviveu ao tempo como o mito mais perfeito do revolucionário dos anos 1960. Danny, le Rouge, é, hoje, deputado, e fez campanha ao lado do presidente francês Jacques Chirac, pelo "sim", mas foi vencido pelo voto dos jovens, dos empregados (e dos desempregados) de classe média, dos funcionários públicos, dos imigrantes, dos "*sans papier*", que parecem sentir "medo" dessa nova "identidade européia", construída, segundo os partidos nacionalistas e o Partido Comunista Francês, sobre uma base liberal demais para o gosto daqueles que se sentem mais do que nunca ameaçados em suas certezas e direitos pela mundialização[2].

Muitos desses jovens que hoje protestam e que chegaram à universidade no início do século XXI teriam tido outra história, se não fosse o Maio de 68. De acordo com uma reportagem publicada recentemente no jornal francês Le Monde, o relaxamento dos exames de admissão aos cursos superiores, em 1968, promoveu um processo de ascensão social, permitindo que mais gente com menores condições tivesse acesso à Universidade e, posteriormente, a melhores empregos e salários. E isso também teve conseqüências positivas sobre os filhos desses "*soixante-huitards*" que, agora, lutam mais por emprego, do que por prazer, numa sociedade global[3]. Nem mesmo os cartazes e palavras-de-ordem da geração 68 escaparam a uma apropriação pelo mercado, muitos deles são usados em campanhas publicitárias[4], em que o apelo da sedução mascara as intenções de lucro.

Talvez movida pela polêmica envolvendo a Europa de hoje, que discute quase que diariamente a sua questão identitária, e certamente preocupada com o esvaziamento político imputado aos anos 1960, decido mergulhar na leitura dos originais do jornal Le Monde, no período de Maio de 68.

Os fatos ganham, então, outra dimensão, talvez até mesmo porque a imprensa também era outra, principalmente aquela representada pelos jornais "de papel". Na leitura atenta, Maio de 68 surge para mim como muito mais do que um movimento de jovens por mudanças na Universidade e mais liberdade de comportamento. Maio de 68 foi também o maio da greve geral, das invasões das fábricas, dos bloqueios das rodovias pelos agricultores nas áreas rurais, do não funcionamento da Bolsa de Valores, da suspensão dos trens e dos metrôs.

De acordo com Kristin Ross:

> Mai 68 a été le plus grand mouvement de masse de l'histoire de France, la grève la plus importante de l'histoire du mouvement ouvrier français et l'unique insurrection "générale" qu'aient connue les pays occidentaux surdéveloppés depuis la Seconde Guerre mondiale. Elle s'est étendue au-délà des centres traditionnels de production industrielle pour gagner les travailleurs du secteur tertiaire (services, communications, culture) – autrement dit, l'ensemble de la sphère de reproduction sociale. Aucun secteur professionnel, aucune catégorie de travailleurs n'ont été épargnés; il n'y a pas de région, de ville ou de village de France qui ait échappé à la grève générale[5].

Em 1968, os jovens queriam mudar o mundo e, de fato, o mundo mudou. Até porque os meios de comunicação tiveram a tarefa de ajudar a difundir o que acontecia em cada pequena cidade, dando a dimensão dos acontecimentos àqueles que estavam envolvidos ou apenas àqueles que observavam perplexos a evolução dos fatos. Na França, onde praticamente tudo parou, vários veículos de comunicação encontraram estratégias para continuar a informar. Se hoje, sabe-se que, sem a mídia e as suas imagens, dificilmente os jovens americanos teriam protestado tanto contra a guerra do Vietnã, não tenho a menor dúvida de que, sem o registro diário dos jornais, rádios e da televisão, os acontecimentos de Maio de 68 teriam tido outro rumo. Neste sentido, é que me pareceu interessante investigar o tratamento que um órgão de imprensa, em especial, o jornal Le Monde, referência entre os periódicos franceses e também paradigma de jornalismo de qualidade, no mundo todo, deu aos acontecimentos de 68, na Fran-

ça, na tentativa de resgatar saberes e construir novas percepções sobre o fato histórico, que possibilitem, através de sua releitura, uma nova chance de compreensão do passado e da contemporaneidade.

Para entender o Le Monde

O primeiro número do jornal Le Monde vai para as bancas numa terça-feira, dia 19 de dezembro de 1944. Seis meses depois do "Dia D", a maior parte da França, incluindo Paris, estava libertada, mas os combates continuavam a Leste. Os "Quatro Grandes" – Estados Unidos, URSS, Reino Unido e França – criam as Nações Unidas. Publicado no dia 18 de dezembro, data da véspera, o Le Monde, com duas páginas e 350.000 exemplares, é vendido a três francos.

Em 61 anos, o jornal que já vendeu quase 19 mil edições, é um retrato das grandes transformações do mundo. De acordo com o comentário do atual diretor da publicação, Jean-Marie Colombani, quando da comemoração do sexagésimo aniversário:

> Ces soixante années, c'est notre histoire. Celle d'un journal en prise avec le flux continu de l'actualité, avec l'histoire, scandée par la Libération et la reconstruction, la guerre froide et les guerres de la décolonisation, la fin des utopies et l'émergence du féminisme, la chute du communisme et le retour à Dieu[6].

Mas não foi sem tormentas que o Le Monde chegou ao que é hoje: a tiragem, no último dia 31 de maio de 2005, de 607.858 exemplares, uma sede moderna no Boulevard Auguste-Blanqui, que sucedeu à tradicional da rue des Italiens, a diversificação de títulos e os investimentos em novas tecnologias. Em termos da gestão, o que parece ter sempre diferenciado o Le Monde foi o fato dos empregados terem participação no jornal, também uma conquista ampliada a partir de Maio de 68:

> Depuis 1951, la Société des rédacteurs du *Monde* détient la minorité de blocage dans le capital du journal; depuis de l5 mars 1968, le personnel, à travers la Société des cadres et la Société des employés, participe à la gestion de l' entreprise et à l' élection

> du directeur du journal; depuis le 15 mars 1968, la rédaction s'exprime au comité de rédaction, elle est présente au conseil de surveillance. (...) On pourrait ajouter encore que la rédaction a obtenu em 1968 la création d'une commission des salaires, que depuis 1997 la Société des personnels, qui répresente l'ensemble des salariés, détient une parte significative du capital du *Monde* et siège dans toutes les instances de contrôle et de décision, enfin, que les syndicats examinent toutes les mesures avant qu'elles ne soient opérationnelles[7].

A participação e a preocupação com a divulgação dos fatos não impediram que o jornal sofresse ataques relativos inclusive à sua linha editorial. Na virada dos anos 1970/80, o Le Monde foi acusado por muitos de virar o jornal do Partido Socialista e de François Mitterrand. Mais tarde, durante os anos de 1982, 1984, 1990 e 1993, disputas internas pelo poder e falhas na administração do empreendimento quase levaram o Le Monde à falência. Em 1993, o jornal esteve à venda. Foi o desafio ao qual o atual diretor, Jean-Marie Colombani, e outros profissionais se lançaram: o de fazer uma reforma completa, buscar recursos, mudar o jornal, desafio que acabou tendo um resultado satisfatório e positivo[8].

Durante os anos 1960, a tiragem do jornal aumentou consideravelmente, o que pode inclusive ser condicionado ao crescimento da economia francesa, no período. Ao que tudo indica, o crescimento das tiragens também não foi provocado pelo fato do jornal "roubar" leitores aos seus concorrentes, especialmente o Le Figaro, já que este último também teve a sua tiragem sempre crescente no correr dos anos 1960. Ao que parece, o Le Monde criou o seu próprio público, nesta década, leitores com sede de informação numa sociedade em grandes mudanças.

> La politique française, les élections présidentielles de 1965, les élections législatives de 1967, les "événements" de mai 68, jouent évidemment un grand rôle dans ces gains, mais la guerre du Vietnam, la révolution culturelle chinoise, les sursauts de l'Amérique latine, la guerre au Proche-Orient et le printemps de Prague contribuent également à développer un lectorat qui cherche dans *Le Monde* une information plus complète qu'ailleurs[9].

Com uma cobertura bastante completa na área de internacional, em especial sobre assuntos que despertavam a maior atenção dos franceses, o Le Monde conseguiu aumentar a sua tiragem média anual de 182.408 exemplares, em 1962, para 354.643, em 1969. Para o periódico, que, até hoje, só chega às bancas depois do meio-dia, pode-se observar que as maiores tiragens sempre coincidem com as datas marcadas pelo impacto de acontecimentos inesperados, como o assassinato de ex-presidente americano Kennedy (339.992 exemplares vendidos no dia 23 de novembro de 1963) ou acontecimentos de importância na política francesa, como o recorde da década 1958/1969, marcado pelo primeiro turno das eleições legislativas (815.197 exemplares vendidos, 74% acima da média anual, no dia 24 de junho de 1968). Durante os eventos de maio de 1968, as tiragens também foram altas: uma das maiores aconteceu no dia 15 de maio, quando o jornal circulou com as informações da manifestação de estudantes e operários do dia 13, com a venda de 637.621 exemplares, 36% acima da média anual[10]. De qualquer forma, é curioso se constatar que o recorde de tiragem aconteceu no dia 30 de maio (jornal que chegou às bancas no dia 31), e não foi ligado aos movimentos reivindicatórios, mas à veiculação das matérias da grande manifestação de apoio ao general de Gaulle, nos Champs-Elysées, em Paris[11].

O perfil do leitor do Le Monde é fundamental para que se possa entender a sua influência na maneira de pensar daqueles que são os formadores de opinião de um país como a França, especialmente nos anos 1960. Lido tanto na capital como no interior, além de países estrangeiros, o Le Monde é o único dos diários franceses que pode ser considerado como um jornal de circulação nacional. No período que nos interessa, ele é o jornal preferencial dos formadores de opinião e tem uma grande influência entre leitores jovens, isto é, pode ser considerado, como o referencial, na imprensa, para aqueles que, inicialmente, estiveram mais diretamente envolvidos nos movimentos de Maio de 68.

> D'un chiffre de 40% des lecteurs au cours des années 1957-1965, les diplômés de l'enseignement supérieur dépassent les 50% des lecteurs entre 1968 et 1975, et atteignent 55% des lecteurs em 1976. Em 1971, 684.000 des 1.365.000 lecteurs du Monde sont diplômés de l'enseignement supérieur. Au début des années soixante-dix, plus du quart (27,5%) des 2.500.000 diplômés de l'enseignement supérieur em France lisent Le Monde chaque jour[12].

Ao que nos interessa é importante também que se observe que, nos idos de 1968, Le Monde é um dos jornais preferidos dos jovens: "En ce qui concerne la structure par âge du lectorat, *Le Monde* connaît un rajeunissement de ses lecteurs em 1968, année où la part des 15-24 ans passe de 23% du total des lecteurs. *Le Monde* est le quotidien des enfants de l'après-guerre devenus étudiants autour de 1968"[13].

Outro dado interessante para o período dos anos 1960/70 é aquele que diz respeito ao perfil político. Mesmo sendo lido por leitores de direita, uma forte proporção dos leitores do Monde é composta por leitores de esquerda, sendo que, por outras características, como a formação escolar, esta também é a faixa de leitores comercialmente mais interessante para o mercado publicitário.

Le Monde no Maio de 68

Apesar de ser um jornal respeitado pelos professores e pelo meio estudantil, o Le Monde não escapou da desconfiança e das críticas dos estudantes à mídia em geral, à sociedade do espetáculo e do consumo. "A bas la société spetaculaire-marchande" foi uma das palavras de ordem pintadas nos muros da Escola de Belas-Artes, que foi tomada pelos estudantes no dia 13 de maio e que se transformou num verdadeiro "ateliê popular".

Na Sorbonne, lia-se nos muros: "A bas les journalistes et ceux qui veulent les ménager". Ou o cartaz: "Toute la presse est toxique – lisez les tracts, les affiches, le journal mural". E ainda este: "Presse – ne pas avaler". Ou o cartaz, feito na Escola de Artes Decorativas, e que mostrava a figura de um policial falando ao microfone da O.R.T.F., a empresa de comunicação pertencente ao governo, com os dizeres: "Police vous parle tous les soirs à 20h"[14].

O Monde não escapou às críticas. Diariamente, neste período, a redação era bombardeada por dezenas de cartas e comunicados, alguns provenientes de grupos dos quais era difícil se distinguir a representatividade. Para outros, o jornal incorporava uma das únicas formas de se expressarem, através das seções de cartas, ou denunciarem, por exemplo, a violência policial nas ruas. Não faltam histórias bizarras, como esta, relatada por um dos assessores de Jacques Fauvet, que assumiu a direção do periódico à época, pelo fato de Hubert Beuve-Méry, estar em Madagascar, e sem conseguir retornar à França:

> Un beau matin, nous raconte encore Jean Planchais, qui exerce alors les fonctions de chef de cabinet de Jacques Fauvet um distingué universitaire se présente – il en a, prétend-il, oublié le nom –, accompagné d'un personnage anonyme "aussi velu qui silencieux". Il vient, mandaté par une mystérieuse assemblée générale réuni à la Sorbonne, prendre possession du journal, qui doit désormais "revenir au peuple". Bon prince, il concède à la rédaction de cet organe "bourgeois" deux pages intérieures pour pouvoir continuer à s'exprimer. Il se voit opposer um refus aussi courtois que ferme mais s'obstine dans sa revendication jusqu'à ce que Jacques Fauvet, excédé, fasse interruption dans le bureau où se déroule la discussion. "Foutez-moi le camps!", lance-t-il, en indiquant la porte d'un large geste du bras. Il fut obéi sur-le-champ. "Nous ne revimes jamais nos successeurs putatifs", commente Jean Planchais[15].

De acordo com relatos de jornalistas da época, o jornal nunca esteve ameaçado de fato de invasão, mas se isto acontecesse, segundo eles, havia todo um esquema para defender a continuidade do trabalho na redação. Havia a preocupação de não se deixar a informação circular apenas via as rádios e TVs controladas pelo governo. É bom que se diga também que não havia qualquer tipo de Comitê de Censura governamental instalado no jornal.

> Le comité de vigilance gardait l'entreprise nuit et jour. Des dizaines de lourds "saumons" de plomb, normalement destinés à alimenter les creusets des linotypes, avaient été hissés dans les étages pour être lancés sur des éventuels assaillants. Il ne fut pas nécessaire, fort heureusement, d'y recourir. Un accord était fait avec la direction sur la non-introduction d'armes à feu[16].

As impressoras rodavam sem parar, mas a partir do dia 17 de maio, as Nouvelles messageries de la presse parisienne (NMPP), que garantiam a distribuição do periódico, foram paralisadas. Começou, então, no Le Monde, um trabalho perseverante para garantir a distribuição do periódico:

> Rue des Italiens, toute l'entreprise va alors se mobiliser autour de la petite équipe du service des ventes pour diffuser le journal. Des camions sont loués, les voitures particulières des

> collaborateurs – parmi lesquels quelques ouvriers du Livre passent outre aux consignes syndicales – sont mises à contribution, avec leurs propriétaires, pour établir des tournées, ravitailler en "papiers" les kiosques et les libraires[17].

Muitos antigos colaboradores do jornal se lembram bem da aventura que foi esta empreitada. Annick Lermier, por exemplo, começou vendendo cerca de 500 exemplares, na frente da Escola Militar, antes de se ver com a missão de ficar responsável por um caminhão, estacionado na praça da Convention, com milhares de exemplares, que abastecia livreiros e vendedores de exemplares avulsos.

> Au bout de deux ou trois jours, se souvient-elle, le journal m'a flanquée d'un catcheur pour me protéger. Un camion avait été délesté de tou son chargement par um commando de grévistes des NMPP et l'on craignait de nouvelles attaques. Il était sympa, mon catcheur, très impressionant...et très pacifique. Il s'installait à la terrasse d'un café, à proximidité, et mangeait des glaces tout l'après midi[18].

No Quartier Latin, coração das barricadas estudantis, a venda dos exemplares dependia de uma relação de confiança com os leitores.

> Au Quartier Latin, M. Perret, le vendeur habituel, dont la silhouette est connue de tous les étudiants, dispose des tas de journaux aux points stratégiques avec um simples sébile. Les clients se servent, se font mutuellement la monnaie et déposent scrupuleusement leurs petites pièces jaunes. Au moment du ramassage, pas un sou ne manque. "Le journal s'est même vendu au marché noir jusqu'à vingt fois son prix", note Claude Lamotte, alors chef adjoint du secrétariat de rédaction[19].

A influência da imprensa francesa e, neste caso, não necessariamente apenas do Le Monde, apesar da sua venda representativa no exterior, na divulgação dos acontecimentos de 1968 é fundamental. Apesar do Maio de 68 francês não ter sido o primeiro movimento reivindicatório que tenha pipocado pelo mundo, no período, nos Estados Unidos, por exemplo, há

pelo menos três anos, os *campus* da Califórnia já se agitavam na defesa dos direitos civis, é inegável a repercussão que o movimento francês, divulgado pelas diversas mídias, apesar da greve que atingiu alguns veículos de imprensa, teve sobre outros países. Neste caso, são exemplares alguns depoimentos, colhidos pela jornalista Marie-Claude Decamps, anos depois, como este do espanhol Xavier Batalha:

> Nous vivions tous à l'heure de Paris", raconte Xavier Batalha, éditorialiste de La Vanguardia, à l'époque em plein service militaire. "1968 a été le point culminant de l'influence culturelle et politique française chez nous, J'attendais la fin de la semaine pour lire les journaux français que m'envoyait ma famille et j'avais l'impression, tant il m'était familier, que l'éditeur Maspero habitait au coin de la rue Paseo de Grece à Barcelone. A l'université catalane, il y avait une fou de groupuscules qui s'appelaient tous 'Cohn-Bendit' ou 'Régis Debray'. Enfin, la nuit, on jouait à la résistance, em écoutant la radio em cachette, comme vous à l'époque de 'Ici Londres', sauf que nous écoutions le programme pour l'Espagne de RF1 à 2 heures du matin[20].

Na Espanha que ainda era governada pela ditadura do general Franco e onde, até 1962, a leitura de Rousseau era proibida, é sintomática a influência francesa, como também aconteceu em vários outros países do mundo, dentre eles, na América do Sul, e, em muitos aspectos, no Brasil, que já enfrentava, no final dos anos 1960, a opressão do regime militar. Anti-americanos por excelência, apesar de toda a influência da economia e da cultura dos Estados Unidos, na América Latina, os líderes estudantis, operários e camponeses foram seduzidos pelas palavras de ordem dos camaradas franceses, que faziam a apologia de um outro comunismo e pregavam a revolução de costumes.

A narrativa do Le Monde

É no mínimo curioso que a maior parte de nós guarde do Maio de 68 na França, uma imagem visual, especialmente, aquela das barricadas do Quartier Latin, e um conceito de que o Movimento se limitou a uma atividade dos estudantes, esquecendo-nos por completo de que, quando

os fatos ocorreram, praticamente não houve publicação imediata das suas imagens e que o Maio de 68 extrapolou em muito o envolvimento dos estudantes, abrangendo praticamente todas as categorias produtivas do país. É verdade que foi apenas na França que a revolta estudantil atingiu também os empregados assalariados, os artistas, e agricultores, gerando uma greve geral e uma crise política que mudou a história do país e influenciou o mundo todo. De qualquer forma, é interessante voltarmos à pesquisa dos documentos originais, e não apenas às suas releituras, para tentarmos compreender a que ponto e de que maneira as representações sobre os acontecimentos conseguiram criar no universo simbólico da sociedade um imaginário sobre o que aconteceu.

O primeiro ponto que chama a atenção, no caso do objeto de análise deste artigo, o jornal Le Monde, é o fato do periódico não ter estampado uma foto sequer dos acontecimentos. Na época, as fotos do Le Monde só apareciam nos anúncios publicitários. Ainda rodado em linotipos, com todas as dificuldades de circulação durante os acontecimentos de 1968, o Le Monde não deixou de dar uma cobertura privilegiada aos fatos. Durante todo o mês de maio, a principal manchete de primeira página era voltada para os acontecimentos nas universidades e liceus e, posteriormente, nas fábricas e no campo. Além da abrangência e da quantidade de informações que ocupavam, não raro, mais de 10 das 25 páginas do jornal.

Alguns artigos publicados no Le Monde são considerados fundadores, como o de Pierre Viansson-Ponté, que saiu originalmente na edição de 15 de março de 1968, "Quand la France s'ennui...". O artigo, muitas vezes depois reproduzido, consegue dar conta do clima que reina na França, pouco antes da ruptura de 1968: o tédio que toma conta de toda uma sociedade rica e que não consegue encontrar razões para se engajar em absolutamente nada.

> La jeunesse s'ennuie. Les étudiants manifestent, bougent, se battent en Espagne, em Italie, em Belgique, em Algérie, au Japon, en Amérique, en Egypte, en Allemagne, en Pologne même. Ils ont l'impression qu'ils ont des conquêtes à entreprendre, une protestation à faire entendre, au moins un sentiment de l'absurde à opposer à l'absurdité. Les étudiants français se préoccupent de savoir si les filles de Nanterre et d'Antony pourront accéder librement aux chambres des garçons, conception malgré tout limitée des droits de l'homme[21].

Certamente, Viansson-Ponté não teve a premonição para perceber que seria exatamente na questão cultural, das tradições e costumes, das relações humanas e, especialmente, das relações entre os gêneros, que o movimento de Maio de 68, deixaria as suas maiores marcas entre os jovens e a sociedade em geral. Com relação aos operários, o autor antecipa dois problemas, até hoje, da maior atualidade: o desemprego e a falta de crença nos meios políticos tradicionais, além de criticar a mesmice da programação dos dois canais da TV francesa, na época, estatal.

> Quant aux jeunes ouvriers, ils cherchent du travail et n'en trouvent pas. Les empoignades, les homélies et les apostrophes des hommes politiques de tout bord paraissent à tous ces jeunes, aux mieux, plutôt comiques, au pis, tout à fait inutiles, presque toujours incompréhensibles. Heureusement, la télévision est là pour détourner l'attention vers le vrais problèmes: l'état du compte au banque de Killy, l'encombrement des autorités, le tiercé, qui continue d'avoir le dimanche soir priorité sur toutes les antennes de France[22].

Da mesma forma, dentro das muitas releituras feitas sobre o Maio de 68, na França, não faltam aqueles que creditam ao poder da pena do diretor Hubert Beuve-Méry, uma influência no fim do movimento. Analisando a continuação das greves e das passeatas estudantis, ele finaliza um editorial, na primeira página, no dia 12 de junho, criticando a falta de negociação e consenso entre governo, empresas, estudantes e trabalhadores e apontando para um cenário extremamente negativo. "Leur victoire [des étudiants] serait celle d'un pur nihilisme et nul ne peut prévoir jusqu'où irait la tragédie"[23].

As reportagens realizadas no local dos eventos se assemelhavam muito aos "récits de voyages" dos visitantes dos séculos XVIII e XIX, nos seus périplos por países exóticos. As narrativas são extremamente detalhistas, chegam mesmo ao rigor do científico, na descrição de tudo o que pode ser observado pelo repórter-narrador. Nestas reportagens, o leitor é transportado de imediato para o cenário dos acontecimentos: a descrição com todos os detalhes lhe pinta um quadro muito claro das circunstâncias, um verdadeiro mapa, cartografia detalhada do que ocorre em cada rua, cada quarteirão. Um pequeno exemplo pode se visto neste trecho de reportagem de K. Christitch e J-P. Quélin:

> Au nombre de plus de cinq mille, les étudiants se trouvent réunis um peu avant 18h.30 quand arrive une délégation des professeurs de Nanterre qui sont groupés sous une banderole où on peut lire: "Les professeurs de Nanterre contre la répression". On note également la présence de nombreux professeurs et assistants de la Sorbonne. A cette heure-là, la majorité des manifestants ignorent encore si leur rassemblement est autorisé. On distribue dans les rangs des tracts dans lesquels sont donnés "quelques conseils" contre l'effet des grenades lacrymogénes ainsi que des mesures de protection à prendre en vue d'atténuer les coups. On peut noter que de nombreux jeunes gens sont ostensiblement habillés dans l'eventualité d'un affrontement violent: casques, lunettes, vestes militaires, gants, chaussures de sport[24].

Outro exemplo de texto objetivo, e que nos possibilita a criação de um cenário detalhado sobre os fatos que se desenrolam, pode ser visto a seguir. O estilo chega às vezes quase ao literário, seguindo o modelo da grande reportagem. É preciso tempo para ler, mas ainda estamos numa época em que a instantaneidade das transmissões da TV, o mundo em tempo real, ainda não é uma prática.

> Mais, dès cet instant pourtant, des petits groupes arrachent les grilles d'arbres, les panneaux de signalisation, et s'en servent pour dépaver la chaussée. Cette initiative entrâine des discussions, parfois violentes, avec des manifestants soucieux de donner un aspect avant tout pacifique à la manifestation. L'argument le plus souvent employé par ceux qui allaient devenir les partisans de la construction des barricades est qu'il ne s'agit là que de mesures défensives destinées à parer à toute attaque par surprise.
> Il est 21h15, rue Le Goff, quand la première barricade est dressée: quelques voitures, des panneaux d'affichage, des grilles d'arbres, des pavés. Le barrage, qui a surgi subitement, va donner l'exemple. Les jeunes gens qui "montent en ligne" prendre position en face des policiers, disposés tout autour du Panthéon et de la Sorbonne, vont trouver là un point de référence et une

> manière de meubler une attente que si prolonge, aussi bien que de rendre tangible leur désir "d'occuper" le coeur du Quartier Latin. Très vite, des barricades se dressent rue Saint-Jacques, rue des Irlandais, rue de l'Estrapade, à l'angle des rues Claude-Bernard et Gay-Lussac, au carrefour des rues Saint-Jacques et des Fossés-Saint-Jacques[25].

Além disso, a cobertura não se limita ao que acontece em Paris. Através de correspondentes espalhados pelas principais cidades francesas, temos um panorama extremamente completo do que ocorre nas outras regiões da França:

> La plus importante manifestation populaire depuis la libération s'est déroulée lundi après-midi dans les rues de Toulouse. Quarante mille personnes environ se trouvaient réunis répondant à l'appel de l' U.N.E.F.[Union National des Etudiants Français], de la Fédération de l'éducation nationale et des centrales syndicales[26].

O Le Monde faz também um trabalho de colocar lado a lado informações sobre os outros países, o que proporciona ao leitor uma visão bastante abrangente: não se fica preso a uma noção errada de que o movimento é francês, mas se percebe a sua escala mundial.

Além disso, o *Le Monde* reproduz trechos de reportagens de outros veículos de comunicação, o que também dá ao leitor uma visão menos imediatista, mas, ao contrário, mais elaborada dos fatos, com outras versões sobre os mesmos.

As fontes oficiais raramente são as mais citadas do jornal, o que mostra o seu descomprometimento com os setores governamentais e também uma grande liberdade em relação aos anunciantes. A pluralidade de fontes nos meios sindicais, estudantis, urbanos e rurais, enfim, nos dão uma visão multifacetada dos acontecimentos.

As matérias de opinião são as mais diversificadas, e, necessariamente, não se confundem com a opinião do jornal, reservada para os espaços dos editoriais. Vários artigos de colaboradores, dentre eles, Alain Touraine, Edgar Morin e Paul Ricoeur conseguem trazer o necessário distanciamento na análise e a contextualização dos fatos dentro de um cenário mais amplo.

Bom exemplo pode ser visto neste artigo assinado por Edgar Morin, o primeiro de uma série, que começou no dia 17 de maio:

> Deux types d'interpretation s'efforcent de comprendre la crise actuelle. L'une, en faveur dans les cercles officiels de l'administration et de l'Université, veut chercher la cause du malaise étudiant dans l'archaisme semi-féodal de la société professorale, la vetusté et les retards de l' Université par rapport aux besoins, l'inadequation des enseignements par rapport aux débouchés et aux utilités.
> Le mal de l'Université serait dans son inadaptation à la vie et au monde moderne, et le remède en serait l'adaptation, c'est-à-dire une réforme modernisatrice liquidant les archaismes, amplifiant les moyens en enseignants, locaux, matériel, renouvelant les méthodes, offrant aux étudiants des campus ouverts, libéraux (pour correnspondre à l'évolution des moeurs), sains et des débouches assurés.
> Une autre interpretation, au contraire, insiste non sur la volonté des étudiants d'adapter l'Université à la vie moderne, mais sur leur refus de la vie bourgeoise considérée comme mesquine, réprimée, oppresive; non pas sur la recherche des carrières, mais sur le mépris des carrières de cadres-techniciens qui les attendent; non pas sur leur volonté de s'intégrer le plus rapidement possible dans la société adulte, mais sur une contestation globale d'une société adultérée[27].

Durante muitos anos seguidos, o Le Monde retomou a análise do período de Maio de 68, com o lançamento de cadernos especiais. Em 1998, por exemplo, num exercício inovador em termos de linguagem, o jornal procura resgatar a trajetória do Maio de 68 através da ficção. Durante quatro semanas, foi publicado um roman-feuilleton histórico, escrito por Patrick Rambaud, escritor premiado, em 1997, pela Academia Francesa e a Academia Goncourt.

> Ce recours au savoir-faire d'un romancier se fonde sur la conviction que cette époque ne peut être restituée dans sa diversité que grâce à la vision intime de ceux que l'ont vécu.

> Patrick Rambaud, aidé du service de documentation du Monde, a donc repris, jour par jour, les faits comme les propos publics; mais armé de ses personnages, il s'est employé à récréer le climat de ce moment particulier[28].

A título de conclusão

Maio de 68 imprimiu sua marca sobre o jornalismo francês: enquanto o Le Monde se firmaria como o jornal da alta burguesia e dos profissionais liberais, muitos intelectuais franceses, dentre eles, Sartre e Foucault, se debatiam na discussão da representação do discurso popular na imprensa, com o objetivo de dar voz aos excluídos dos veículos de comunicação. Foi nesse contexto que surgiu Libération, o tablóide que é, até hoje, uma referência na imprensa francesa, apesar de já ter se afastado de suas intenções originais.

> Libération, dont le manifeste initial, de tendance maoïste, proclamait l'objectif utopiste d' "aider les gens à prendre la parole", se voulait au moins au début et dans le projet de certains de ses fondateurs, une sorte d' "écrivain public": "l'information vient du peuple et retourne au peuple"[29].

Foi seguindo essa tendência que, durante os anos 1970, o mundo se viu invadido por um novo tipo de imprensa, mais autoral, menos comercial, e, normalmente, de vida mais efêmera. No Brasil, por exemplo, foram os anos da imprensa marginal ou alternativa. Mas a evolução dos sistemas capitalistas, a revolução tecnológica e o fim da Guerra Fria empurrariam o mundo no sentido da formação dos grandes conglomerados de comunicação e das novas formas de expressão, principalmente, via rede mundial de computadores, conformando um novo modelo de imprensa. O Le Monde se adaptou às mudanças e com uma tiragem de cerca de 600.000 exemplares, na França, continua sendo um jornal de leitura em todo o país, e também uma referência da imprensa francesa no exterior. Com suplementos atraentes, oferta de DVDs aos domingos, serviços e vantagens para os leitores, o jornal, como qualquer outro produto industrial, disputa avidamente o mercado e as receitas publicitárias. Mas o novo cenário

mundial não deixa de nos surpreender. Na internet, surgem novas narrativas sobre o real, novas formas de expressão pessoal e coletiva, uma verdadeira guerrilha de informações, possivelmente, uma nova revolução, aquilo que Armand Mattelart chama de "cosmopolitismo democrático" e que, sem dúvida, tem suas origens nos idos de 1968[30].

Notas

⋆ Trabalho apresentado ao NP02 – Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

1. ROSS, Kristin. *Mai 68 et ses vies ultérieures.* Trad. Anne-Laure Vignaux. Paris: Editions Complexe, 2005. p. 7.

2. No Referendo do dia 29 de maio de 2005, na França, o "não" ganhou com 54,67% dos votos. O "sim" recebeu 45,33% dos votos. A abstenção foi de 30,63% dos 41.789.202 eleitores. Na mesma semana, e por uma porcentagem ainda mais significativa, de mais de 60%, o "não" também foi vencedor na Holanda, que, num referendo, rejeitou a proposta da Constituição Européia, decisão que ainda deverá ser ratificada pelo Parlamento. Na Europa, os dois foram os primeiros países a se posicionar contra o tratado europeu, que, até junho de 2005, já tinha sido aprovado por nove países membros: Lituânia, Hungria, Eslovênia, Itália, Grécia, Eslováquia, Áustria e Alemanha (via parlamentar) e Espanha (via referendo). Cf. DUBOIS, Nathalie. Un nouveau gros non à la Constitution. Libération, n. 7484, 2 jun. 2005, 2ª ed., p. 2.

3. LE DESTIN INESPERE DES "MIRACULES". Le Monde, 30 mar. 2005. p. 10.

4. Cf. MARMANDE, Francis. "Il est interdit d'interdire". Le Monde, 10 mar. 2005, p. 10.

5. ROSS, Kristin. Mai 68 et ses vies ultérieures. Trad. do inglês para o francês por Anne-Laure Vignaux. Éditions Complexe, 2005, p. 10. Vale a observação, que será desenvolvida no correr deste artigo, que, no caso da imprensa, em várias empresas, os jornalistas e outros envolvidos com a produção e distribuição do produto, decidiram-se por continuar trabalhando na defesa do registro dos fatos.

6. COLOMBANI, Jean-Marie. Le Monde a 60 ans, Le monde raconte le monde...*Le Monde 60 ans - les événements, les hommes, les dates, les images*. Paris: Le Monde, 2004, p. 5.

7. EVENO, Patrick. *Histoire du journal Le Monde* – 1944-2004. Paris: Editions Albin Michel, 2004, p. 15.

8. Cf. EVENO, Patrick. *Histoire du journal Le Monde* 1944-2004. Op.cit., p. 245.

9. Id. Ibd., p. 244.

10. A maior tiragem do jornal, até hoje, aconteceu no 2º turno da eleição presidencial de 1988, quando foram vendidos 1.087.709 exemplares, no dia 9 de maio, venda superior em 108% à média anual. Cf. EVENO, Patrick, *Histoire du journal Le Monde:* 1944-2004, p. 249.

11. JUNQUE, Daniel. Comment Le Monde a vécu Mai 68. Le Monde, sábado, 18 abr. 1998, p. 33.

12. EVENO, Patrick. Op. cit., p. 256.

13. Id.Ibd., p. 257.

14. Estas são algumas das centenas de palavras de ordem que foram pichadas nos prédios de Paris ou estampadas em cartazes distribuídos pela cidade. Muitas delas estão reunidas nesta coletânea sobre Maio de 68. Cf. *Interdit d'interdire – slogans et affiches de la révolution.* Sem autor. Coleção L'esprit frappeur n. 16. Paris: L'esprit frappeur, 2004, 233 p.

15. JUNQUE, Daniel. Comment Le Monde a vécu Mai 68. *Le Monde*, sábado, 18 abr. 1998, p. 32.
16. JUNQUE, Daniel. Op.cit., p. 32.
17. Id. Ibd., p.33.
18. Id.Ibd., p. 33.
19. JUNQUE, Daniel. Op. cit., p. 33.
20. DECAMPS, Marie-Claude. Paris, capital de l'Espagne de 1968. *Le Monde*, 14 mai. 1998, p. 4.
21. VIANSSON-PONTÉ, Pierre. Quand la France s'ennuie... *Le Monde* – Dossiers et Documents – n. 264 abr. 1998, p. 2. Utilizei uma reprodução do texto originalmente publicado pelo Le Monde em 15 de março de 1968.
22. Id. Ibd., p. 2.
23. BEUVE-MÉRY, Hubert. Oui ou non. *Le Monde*, 12 jun. 1968, n. 7281, p. 1.
24. CHRISTITCH, K, QUÉLIN, J-P. De sérieux accrochages au Quartier Latin. *Le Monde*, 9 mai. 1968, n. 7253, p. 6.
25. Une soixantaine de barricades. *Le Monde*, 12-13 mai. 1968, p. 2.
26. TOULOUSE: GRANDE MANIFESTATION D'OPPOSITION AU GOUVERNEMENT. *Le Monde*, n. 7257, 15 mai. 1968, p. 6.
27. MORIN, Edgar. La commune étudiante. I) Les origines. *Le Monde*, 17 mai. 1968, p. 1.
28. LES AVENTURES DE MAI. *Le Monde*, 5 mai.1998, p. 2.
29. ROSS, Kristin. Op. cit., p. 116.
30. MATTELART, Armand. *La mondialisation de la communication*. 3ª ed. Paris: PUF, 2002.

Referências bibliográficas

CHRISTITCH, K, QUÉLIN, J-P. De sérieux accrochages au Quartier Latin. *Le Monde*, 9 mai. 1968, n. 7253, p. 6.

COLOMBANI, Jean-Marie. Le Monde a 60 ans, Le monde raconte le monde...*Le Monde 60 ans - les événements, les hommes, les dates, les images*. Paris: Le Monde, 2004.

DECAMPS, Marie-Claude. Paris, capital de l'Espagne de 1968. *Le Monde*, 14 mai. 1998, p. 4.

DUBOIS, Nathalie. Un nouveau gros non à la Constitution. *Libération*, n. 7484, 2 jun. 2005, deuxième edition, p. 2.

EVENO, Patrick. *Histoire du journal Le Monde* – 1944-2004. Paris: Editions Albin Michel, 2004, 707 p.

Interdit d'interdire – slogans et affiches de la révolution. Sem autor. Coleção L'esprit frappeur, n. 16. Paris: L'esprit frappeur, 2004, 233 p.

JUNQUE, Daniel. Comment Le Monde a vécu Mai 68. *Le Monde*, 18 abr. 1998, p. 33.

LES AVENTURES DE MAI. *Le Monde*, 5 mai.1998, p 2.

MARMANDE, Francis. Il est interdit d'interdire. *Le Monde,* 10 mar. 2005, p. 10.

MATTELART, Armand. *La mondialisation de la communication*. 3ª ed. Paris: PUF, 2002.
MORIN, Edgar. La commune étudiante. I) Les origines. *Le Monde*, 17 mai. 1968, p. 1.
ROSS, Kristin. *Mai 68 et ses vies ultérieures*. Trad. do inglês para o francês por Anne-Laure Vignaux. Paris: Éditions Complexe, 2005. 248p.
TOULOUSE: GRANDE MANIFESTATION D'OPPOSITION AU GOUVERNEMENT. *Le Monde*, n. 7257, 15 mai. 1968. p. 6.
VIANSSON-PONTÉ, Pierre. Quand la France s'ennuie... *Le Monde* – Dossiers et Documents n. 264, abr. 1998, p. 2.

Resumo

Inventário do papel do jornal francês Le Monde, como observador, narrador e analista privilegiado dos eventos que marcaram a primavera francesa, em 1968, recuperando o papel fundamental da imprensa na conformação dos imaginários contemporâneos, como também fonte inesgotável de documentação, que permite ao pesquisador recuperar a memória (e o esquecimento) dos fatos, trazendo à tona suas controvérsias, sua evolução e, finalmente, sua complexidade, expostas pela imprensa, como representação do real.

Palavras-chave

História do jornalismo; Contra-cultura; Política; Memória; Identidade.

Abstract

A survey on the role of the French newspaper Le Monde, as observer, narrator and a privileged analyst of the main facts of the French spring of 1968, thus recovering the fundamental role of the press on the conformation of the contemporary imaginaries and as an inexhaustible source of documents allowing researchers to recover the memory (and oblivion) of the facts. The aim is to bring light to their controversies, evolution and complexity, exposed by the press as a representation of the real.

Key-words

Journalism's history; Memory; Counterculture; Politics; Identity.